



## 30 ANOS DE MOVIMENTO ESTUDANTIL NAS CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFRPE

### **Paulo Afonso Barbosa de Brito**

Doutor em Sociologia UFPE  
Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Departamento de Ciências Sociais  
E-mail: [britopauloafonso910@gmail.com](mailto:britopauloafonso910@gmail.com)

### **Clari Ana Horita**

Graduanda do curso de Bacharelado em Ciências Sociais  
da Universidade Federal Rural de Pernambuco.  
E-mail: [clarihorita@hotmail.com](mailto:clarihorita@hotmail.com)

### **Leonardo Luiz do Egito Santos**

Graduando do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco.  
Monitor da disciplina Métodos Qualitativos das Ciências Sociais.  
E-mail: [leonardo.luiz.83.98@gmail.com](mailto:leonardo.luiz.83.98@gmail.com)

### **RESUMO**

O objetivo central do presente artigo é analisar a trajetória da participação estudantil nos 30 anos das Ciências Sociais na UFRPE, utilizando-se de dados da pesquisa com o mesmo título, realizada através de métodos qualitativos de pesquisa social – análise documental e entrevistas – resultando numa minuciosa descrição, e análise de lutas e conquistas estudantis, demonstrando os vínculos sociais construídos, o forte dinamismo, a capacidade criativa, a contribuição para o debate, e a inovação sociológica.

**Palavras-chave:** Movimento Estudantil; Ciências Sociais; Juventude; Dinamismo; Conquistas.



## 30 YEAR OF STUDENT MOVEMENT IN SOCIAL SCIENCE AT UFRPE

### ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the trajectory of student participation in the 30 years of social sciences at UFRPE, using research data with the same title, carried out through qualitative methods of social research - document analysis and interviews - resulting in a meticulous description and analysis of student struggles and achievements, demonstrating the social bonds built, the strong dynamism and creative capacity, the contribution to the debate and sociological innovation.

**Keywords:** Student Movement; Social Science; Youth; Dynamism; Achievements.

### Introdução

Ao completar 30 anos de presença orgânica das Ciências Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), enquanto um campo do conhecimento científico, o Departamento de Ciências Sociais (DECISO) dessa universidade realiza uma série de atividades comemorativas, bem como de reflexões, estudos e eventos acadêmicos, científicos, publicações. Deste modo, não poderia ficar de fora a participação dos estudantes como uma das dimensões fundamentais da vida universitária e acadêmica, também nesta ciência e nesta universidade. Por outro lado, estudantes e juventudes se afirmaram como importantes “objetos sociológicos”, constituindo o que ficou conhecido como “sociologia da juventude”, privilegiando-se neste campo os estudos das ações coletivas, a construção de identidades sociais, os processos de mudança social. Da confluência entre esta justificativa histórica – 30 anos das Ciências Sociais na UFRPE – e da justificativa sociológica – estudantes e juventudes como objetos sociológicos – nasceu o projeto de pesquisa: “30 anos de Movimento Estudantil nas Ciências Sociais da UFRPE”.



O presente artigo é parte dos resultados da referida pesquisa, ainda não concluída. Reconhecemos que o Movimento Estudantil (M.E.) se constitui como um espaço onde estudantes se encontram, constroem vínculos e tecem seus laços de amizade, de companheirismo, de camaradagem, e ao enfrentarem diversos problemas sofridos no curso e na universidade, tecem ainda espaços de lutas e reivindicações, mas também momentos de disputas, de controles, de competições. Frente a este reconhecimento, nos colocamos como questão inicial da pesquisa e do presente artigo: qual a incidência da participação estudantil para a melhoria da vida dos estudantes no curso e na universidade, através de suas dinâmicas, reivindicações e enfrentamentos nestes 30 anos das Ciências Sociais na UFRPE? Frente a esta questão, pressupomos que, essa dinâmica, essas reivindicações, esses enfrentamentos são responsáveis por importantes conquistas, tanto nas condições de funcionamento e infraestrutura do curso e da universidade, quanto na capacidade de intervenção de diversos estudantes na condução Diretório Acadêmico (D.A.).

Para enfrentar esta questão, colocamos como objetivo principal do presente artigo analisar a trajetória da participação estudantil nos 30 anos das Ciências Sociais na UFRPE, suas principais iniciativas, contribuições e dificuldades para o exercício de seu protagonismo e para dinamização da vida universitária. Decorrente deste, assumimos os seguintes objetivos específicos: reconstruir a trajetória da participação estudantil, através de suas organizações, suas principais bandeiras de lutas, reivindicações, contribuições para dinâmica estudantil no curso; identificar o papel das relações entre a participação estudantil das Ciências Sociais da UFRPE, com o conjunto do movimento estudantil desta universidade e do movimento nacional; discutir esse processo organizativo mobilizador estudantil na perspectiva da sociologia da juventude e da teoria dos novos movimentos sociais.



Para alcançar esses objetivos, assumimos o caminho metodológico baseado nos métodos qualitativos das Ciências Sociais, utilizando as técnicas da análise documental e de entrevistas. E para a análise dos dados, nos ancoramos em duas referências teóricas, conforme anunciado acima, a sociologia da Juventude, e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais.

O artigo está distribuído nessa rápida introdução, mais quatro sessões: Rebeldes com causas: inovações e tradições estudantis, que resgata a trajetória das ações do ME das Ciências Sociais a UFRPE, com destaque para aquelas atividades corriqueiras consagradas também na maioria das organizações estudantis; Quatro cantos, quatro tempos, quatro inovações criativas, que registra e problematiza quatro ações bem particulares de estudantes de Ciências Sociais e da UFRPE nesses seus 30 anos; O Diretório Acadêmico: uma esquina de quatro cantos – a sala de aula, a universidade, a sociedade, a disputa política, onde discute-se as várias relações construídas pelo Movimento nesses 30 anos; Estudantes e jovens como sujeitos sócio-políticos, juventude como categoria sociológica: afirmações e contradições, onde se relaciona os dados da pesquisa com o referencial teórico assumido. Por fim, apresentamos algumas conclusões, onde são destacados alguns resultados da pesquisa, demonstrando como, a partir de problemas comuns vividos na universidade, parcela dos estudantes se junta, constrói vínculos sociais mediatizados por uma série de ações e símbolos, age com algum método, conseguindo uma série de conquistas que melhoram as condições da vida estudantil, inclusive influenciando os rumos da educação no Estado de Pernambuco.



## 2. Rebeldes com causas: inovações e tradições estudantis

“(...)Se o mundo andar pra trás; Vou escrever num cartaz;  
A palavra rebeldia;  
Se a gente desanimar; Eu vou colher no pomar  
A palavra teimosia (...)” (Ceumar).

Tornou-se senso comum a caracterização dos e das jovens contemporâneos como “rebeldes sem causa”, contudo, ao visitar a trajetória de ação e organização de estudantes do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE, percebe-se uma espetacular capacidade de ação, com causas bem delimitadas, objetivos bem definidos, estratégias determinadas, num misto de espontaneidade e organização, criatividade e repetição. Às vezes a rebeldia e os enfrentamentos combatentes prevalecendo, outras vezes, a negociação consciente e a construção de acordos e consensos, em função de alcançar a realização de suas causas. A grande maioria destes estudantes se encontra na faixa etária de jovens<sup>1</sup>. Mesmo que não seja a sua totalidade, o Movimento Estudantil em geral, e, especificamente, o de Ciências Sociais estão caracterizados entre os Movimentos de Juventudes.

Considerando que o Movimento Estudantil no Brasil já tem uma tradição quase secular, pode-se deduzir que já existe uma tradição consolidada, com diversas iniciativas que se repetem em diversas ocasiões, não exatamente da mesma maneira, mas algumas práticas, símbolos, rituais, confecção de panfletos, e de cartazes, estratégias de intervenção, formas de comunicação da direção com a base estudantil,

---

<sup>1</sup> Segundo o Estatuto da Juventude no Brasil, são considerados jovens no país, pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos. Tal estatuto se refere à lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE.



com toda a universidade, e até mesmo com a sociedade, formas de organização interna, se repetem ou são corriqueiras em movimentos de diversos cursos, de diversas universidades, de diversos períodos históricos, ou seja, certo “*modus operandi*” estão consolidados como uma tradição do Movimento Estudantil.

Nossa pesquisa de campo constatou a presença de algumas dessas iniciativas que se repetem, às vezes de forma distinta, em cada uma das três décadas de existência da organização de luta estudantil das Ciências Sociais da UFRPE, entre estas, destacam-se: reuniões e assembleias, debates, calouradas, Semanas de Ciências Sociais, atos culturais, Semanas dos Calouros, Cine-debates, boletins, jornais murais, mediação nas relações entre estudantes e professores, seja pela tensão ou pela colaboração, participação nos espaços de representação estudantil no curso, no departamento e na universidade, conquista e/ou manutenção da sede física do Diretório Acadêmico, participação e/ou realização de Congressos, Encontros, Seminários, Festivais.

Os exemplos das calouradas, ou Semana dos Calouros, ou recepção aos calouros são enigmáticas, conforme podemos constatar em algumas falas de antigos representantes do Diretório Acadêmico:

(...) Uma vez uma colega que nem era da diretoria veio falar para organizar a recepção dos calouros, argumentando que foi muito bom para ela a forma como nós - do diretório - tínhamos recebido as pessoas que estavam chegando na universidade (...) Eu mesma também me lembro que quando cheguei aqui o Danilo fez aquela recepção, falou sobre o curso, sobre a universidade (...) nunca soube se ele fez aquilo como D.A. ou foi mesmo uma atitude pessoal, voluntária, sei que foi muito boa àquela recepção, que aquilo marcou a minha vida de estudante. (Informante nº 02).

Todos os representantes entrevistados, para a presente pesquisa, das três décadas de existência do movimento, teceram comentários se referindo às tais calouradas e sempre dando ênfase a uma ou outra questão:

As calouradas que já estavam virando tradicionais, mas, infelizmente, por causa das questões institucionais que a universidade proibiu festividades



culturais, a gente não pode mais ter, foi um ganho, a nossa primeira calourada teve mais de três mil pessoas (...). (Informante nº 01).

O Diretório Acadêmico mantém uma tradição de realizar mediações em uma relação muitas vezes tensas, muitas vezes colaborativas entre estudantes e professores, e os representantes do Movimento ora tratam de mediar conflitos, ora de potencializar os mesmos, quase sempre enfatizando as dimensões citadas de tensão ou colaboração, como podemos ver nos dois depoimentos a seguir:

O D.A. fazia a mediação porque havia muitos conflitos, por exemplo, houve vários processos, porque havia muitos professores reacionários, muitas atitudes reacionárias, professores que perseguiram mesmo, o que agravava a relação com alguns estudantes, eu mesma vivi, quer dizer assim (...). (Informante nº 05).

Duas décadas depois, registram-se comentários semelhantes, mesmo que em outros termos: “(...) muitos professores que olhavam pro D.A. sem dar credibilidade (...) tinha professor que era relutante demais, até dar um simples aviso em sala de aula o professor colocava impedimento”. (Informante nº 01). Contudo, registram-se também diversos comentários que evidenciam colaboração, estímulo, camaradagem entre estudantes e professores, incluindo a relação com o D.A.: “Professores muito envolvidos, sempre muito dispostos a ajudar, participando, estimulando a participação, mediando pra gente construir as melhores ideias e propostas.” (Informante nº 02).

Outra questão que parece consenso em diversos depoimentos diz respeito à luta pela conquista ou pela manutenção da sede física do Diretório, uma referência organizativa do Movimento, o espaço onde as pessoas se reúnem, elaboram os documentos, panfletos, cartazes, guardam arquivos, máquinas, computadores, instrumentos de trabalho, e de apoio às mobilizações.

Uma ação imediata e necessária foi a retomada da sala da sede, que havia virado uma sala de entulhos, quando a gente conseguiu forçar a porta, o forro



já tinha cedido, era um monte de cadeiras quebradas entulhadas, restos de computadores... e a gente não sabia o que fazer com aquilo, pois era material tombado, não podia simplesmente jogar fora (...) a gente mesmo, comprou material de limpeza, vassoura, rodo, e vinha para universidade até ao sábado para limpar a sede e deixar em condições de funcionar. (Informante nº 02).

Chama a atenção que, quase uma década depois, novo depoimento demonstra que houve um hiato, uma descontinuidade, pois a nova direção sequer sabia da existência da sede, e a mesma já estava, de novo em condições bem precárias:

Quando a gente descobriu que o Diretório já teve uma sede, a gente viu que na real a sala estava um lixão, com várias coisas velhas, um depósito (...) quem arrumou a sede fomos nós mesmos, foram dois dias necessários pra tirar os entulhos, pintar, organizar. Ajudou muito porque a gente passou a ter um espaço pra se reunir, é bom ter uma estrutura mínima pra se organizar, pra guardar material, foi um espaço massa (...). (Informante nº 01).

As viagens são outras iniciativas que sempre empolgam, envolvem, animam muito os estudantes. Trataremos aqui especificamente das viagens para participação em Congressos e Encontros dos estudantes de Ciências Sociais, pois são ações que se repetem nas três décadas.

A participação nos Encontros Regionais de Estudantes de Ciências Sociais (ERECS) e nos Encontros Nacionais de Estudantes de Ciências Sociais (ENECS), que muita gente pensava que era só pra viajar, e é também porque viajar é bom, foi de grande estímulo, pois já na preparação, fazia-se debates com os estudantes, estimulando para elaborar trabalhos para serem apresentados nos GT's dos Encontros. Inclusive os longos processos de negociação com a Reitoria para conseguir ajuda financeira, ou para conseguir ônibus, pois chegar com o argumento de que a gente tinha 'tantos' trabalhos para serem apresentados pesava na negociação. A gente queria aumentar muito o número de inscrições e o número de gente apresentando trabalhos, muita gente que iniciou a apresentação de trabalhos para um público mais amplo num ERECS e isso era emocionante e desafiante (...) (Informante nº 02).

Mas a participação em tais Encontros e Congressos não se trata apenas das viagens dos estudantes como comumente é bastante enfatizado, sobretudo, para





dirigentes do Movimento Estudantil das Ciências Sociais. Tais eventos são espaços pedagógicos e políticos, espaços de iniciação e treinos para o exercício de algumas atividades acadêmicas e científicas, como a elaboração de artigos, a apresentação de trabalhos para um público mais amplo e mais estranho que suas salas de aula. A dimensão política se revela desde a escolha do tema de tais eventos, da localidade, dos convidados, evidenciando os esforços de hegemonia das diversas forças políticas e de cursos presentes no Movimento Estudantil da área:

(...) naquele período o D.A. estava tanto em evidência que parecia ser um centro irradiador do Movimento Estudantil da Universidade Rural, que também era um movimento muito forte na conjuntura de Pernambuco. (...) No Nordeste, a gente era uma referência, como indicação a gente conseguiu trazer pra cá, pra dentro da Universidade o Encontro Nacional de Estudantes de Ciências Sociais (ENECS) do ano de 2001 (...) Mesmo que a Federação Nacional de Estudantes de Ciências Sociais (FENECS) fosse muito controlado pelo eixo USP – UNICAMP, a gente sempre pautou diversos temas, diversas questões, como a relação com os Movimentos Sociais. Aqui na Rural, fizemos várias atividades com o MST. (Informante nº 4).

O Encontro citado, e todas as articulações, debates, referências em torno do mesmo, é revelador de que o Movimento Estudantil das Ciências Sociais da UFRPE conquistou, em determinado momento de sua história, uma forte referência regional e nacional, pautando temas e questões, delimitando metodologias de ação, incorporando parcerias e alianças, influenciando os rumos da formação dos estudantes de ciências sociais no País.

Percebe-se, portanto, que as atividades realizadas são quase previsíveis, pois já fazem parte da tradição do Movimento Estudantil. Contudo, essa previsibilidade não anula a inovação, a criatividade, a invenção, pelo contrário, cada geração demonstra uma forma de realizar tais ações, dedica tempo de preparação para também deixar sua marca. Mas o fundamental é que tais iniciativas demonstram uma enorme capacidade de dedicação ao movimento, um esforço significativo para manter suas estruturas



organizativas, para elevar a capacidade reflexiva e a intervenção dos demais estudantes, a colaboração para que o movimento permaneça forte e vibrante, e que o curso melhore permanentemente sua capacidade de formar bons profissionais das Ciências Sociais, mais capazes profissionalmente, mais progressistas em sua visão de mundo, mais comprometidos com a mudança social, a justiça, a solidariedade, e a busca por mais igualdade.

## 2. Quatro tempos e quatro inovações criativas

“Nos quatro cantos cheguei, E todo mundo chegou  
Descendo ladeira, Fazendo poeira, Atiçando o calor”  
(Alceu Valença)

Não só de tradição vive o Movimento Estudantil das Ciências Sociais da UFRPE, tem também muita originalidade, muita criatividade, muita inovação. Para efeito da presente análise, escolhemos quatro iniciativas que: ou são completamente particulares dos estudantes da UFRPE, e que não aconteceram em nenhum outro lugar do mundo, ou são decorrentes de contextos acadêmicos e políticos bem específicos, mas, que no interior da UFRPE tiveram mobilizações bastantes particulares, e onde os estudantes de Ciências Sociais assumiram protagonismo, quais sejam: luta pelo reconhecimento do Curso; A Marcha das Velas Acesas contra as constantes quedas da energia; a campanha pela obrigatoriedade do ensino de Sociologia e Filosofia no ensino médio; a Ocupação da Universidade contra a PEC (Proposta de Emenda Constitucional) 241 (Lei do Teto de Gastos Públicos) e o PL (Projeto de Lei) 44 (“Escola Sem Partido”). Discorreremos sobre cada uma dessas lutas a seguir.



## 2.1) Luta pelo reconhecimento do curso

A luta pelo reconhecimento do Curso de Ciências Sociais, com concentração em Sociologia Rural (1º nome do curso), pode ser considerada a primeira luta de grande envergadura dos estudantes, dado que o Curso teve início pela ação de alguns professores interessados em ocupar o espaço vazio deixado pelo entulho da Ditadura Militar, através do ensino de “Estudos dos Problemas Brasileiros” (EPB).

Duas ações centrais na nossa gestão: a reforma curricular e o reconhecimento do curso(...) Eu me lembro quando o curso não era reconhecido, então tinha um problema de estima também, a realização desses eventos era tentar afirmar, olha, a gente é tão bom quanto qualquer (...) a gente fazia o enfrentamento necessário para que os estudantes e as outras gerações pudessem sentir o orgulho de ser alunos e alunas do curso de ciências sociais da Rural. (Informante nº 06).

Portanto, mesmo que o processo de reconhecimento do Curso foi conduzido pela Coordenação do mesmo, por um longo período, pode-se constatar que os estudantes também tiveram intensa participação.

## 2.2) A marcha das velas acesas contra as constantes quedas da energia

Durante as primeiras duas décadas do Curso, o mesmo era completamente noturno. Existem várias referências aos perfis dos estudantes serem pessoas que trabalhavam o dia inteiro, e estudavam, na UFRPE, à noite. A universidade é muito distante da maioria dos bairros da cidade, com várias pessoas tendo que pegar dois ou três transportes para chegar na mesma. O Circular Barro – Macaxeira é emblemático do problema dos transportes públicos que atendem a Universidade Rural, pois faz um corredor entre os terminais de integração, com diversas linhas de ônibus e uma linha do metrô. Segundo o informante nº 04, muitos estudantes depois de um dia exaustivo



de trabalho e da saga para chegar na universidade, devido a precariedade dos transportes públicos, muitas vezes, ao chegar não havia aula ou as mesmas eram interrompidas pela frequente queda da força, e conseqüente falta de energia.

Esse era um dos problemas mais corriqueiros que apareciam nas reuniões do Conselho de Representantes de turmas. “O Conselho de representantes funcionava bem, com reuniões permanentes, e era bem participativo, com dois representantes de cada turma” (Informante nº 04). “(...) Mesmo que a galera acreditasse na gente, os representantes de turmas funcionavam, a galera participava, quando a gente convocava a galera chegava junto” (Idem). Depois de diversas iniciativas como audiências, abaixo-assinados, assembleias, sem conseqüências práticas, o Diretório, junto com o Conselho de Representantes, preparou uma ação mais contundente, mais combativa, conhecida como a “Marcha das Velas Acesas”.

Um exemplo forte foi o protesto contra as frequentes quedas de energia naquela área, conhecida como curral onde havia as aulas de Ciências Sociais, numa dessas noites, a gente fez uma marcha do ‘curral’ para a Reitoria, parecia uma procissão de Nossa Senhora da Conceição, com tantas velas acesas (...). (Informante 04).

O impacto e a visibilidade daquela ação contribuíram para a resolução do que era considerado entre os principais problemas do período na universidade, sobretudo para os estudantes noturnos.

### **2.3) Campanha pela obrigatoriedade do ensino das disciplinas sociologia e filosofia no Ensino Médio**

Essa campanha faz parte de uma luta histórica das Ciências Sociais no Brasil, na UFRPE, e em Pernambuco ganhou uma trajetória bem particular, pois após a Lei ter



sido vetada em nível nacional, em Pernambuco, ela é aprovada e sancionada, mas como resultado de uma luta espetacular.

Ainda durante a Ditadura Militar, as Associações e Sindicatos de sociólogos, depois de várias batalhas, conseguiram o reconhecimento da profissão, através da Lei nº 6.888 de 10 de dezembro de 1980 (BRASIL, 1980). A partir daí, nova luta se intensificou pelo retorno do ensino da Sociologia no ensino médio, a campanha dos estudantes da UFRPE vem se inserir nessa trajetória:

A luta principal naquele período foi pela regularização do ensino das disciplinas de Sociologia e de Filosofia no ensino médio de Pernambuco. Porque em nível nacional a gente havia perdido. FHC havia vetado a Lei aprovada na Câmara, pressionado pelo lobby das escolas particulares que argumentaram que o aumento das disciplinas de Sociologia e Filosofia gerariam mais despesas, foi o que FHC argumentou para vetar. (...) Ora, o deputado Padre Roque tinha conseguido a proeza, com forte capacidade de articulação e de argumentação, com uma bancada bem minoritária, mas conseguiu aprovar a disciplina na Câmara (...) Criou para o presidente o constrangimento moral para vetar a Lei, pois o mesmo era sociólogo, daí veio o a famosa frase 'esqueça o que eu escrevi', revelando sua fidelidade a cartilha política dele no governo. (Informante 04).

Faz-se necessário reconhecer que esta luta histórica havia ganhado novo fôlego com a promulgação da Lei de Diretrizes de Base da Educação (LDB), Lei nº 9393/96, que indica o necessário conhecimento de Sociologia, e de Filosofia como importante instrumento ao exercício da cidadania (BRASIL, 1996. Artigo 36, primeiro §), já que para tal Lei o sentido da educação deve ser formar para o trabalho e para a cidadania. Indica, mas não regulamenta, abrindo-se a perspectiva de um novo *round* de lutas. Entre os últimos anos da década de 1990 e 2001, tramita na Câmara e no Senado nova proposta de obrigatoriedade da disciplina de Sociologia, passando por todas as instâncias daquelas casas legislativas, sendo encaminhada para a sanção do então presidente, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso em setembro de 2001, que veta a lei. (RÊSES, 2004).



O argumento do veto confere com o depoimento do informante nº 04 acima apresentado, conforme estudos de Erlando S. Rêses (2004), registrando o Diário Oficial da União de 09 de outubro de 2001. (Diário Oficial da União de 09 de outubro de 2001, apud RÊSES, Erlando da Silva, 2004 p. 21).

Apesar dessa derrota nacional, a luta em Pernambuco prosseguiu. Professores e estudantes continuavam argumentando em torno das indicações da LDB, retomando-se as lutas nas universidades em diálogo com a sociedade, para convencer da justiça e da necessidade de tais disciplinas nos currículos escolares. Evidentemente que, como categoria profissional, estudantes e professores consideram tanto o elemento de campo de trabalho para suas profissões, quanto também a necessidade dos conteúdos sociológicos como forma de estimular o pensamento crítico e melhorar o exercício da cidadania. “(...) uma disciplina que ajude a elevar o pensamento crítico dos estudantes do ensino médio, pois o que se vê é que muita gente chega na universidade com uma visão rasa e superficial da realidade social”. (Informante 04). Tais convicções levaram estudantes a uma luta sem tréguas durante vários meses, com debates na universidade, na sociedade e na Assembleia Legislativa:

(...) fizemos o trabalho na universidade, mas fizemos o trabalho de formiguinha, percorrendo a Assembleia, visitando de gabinete em gabinete, dialogando, argumentando, porque queríamos que o Projeto de Lei fosse aprovado por unanimidade, para criar constrangimento político para o governo vetar. Várias visitas, sessões, Plenário Menor, Plenário Maior... Até a aprovação por unanimidade, e a Lei foi sancionada pelo então governador Jarbas Vasconcelos. (Idem).

Essa vitória em Pernambuco animou para retomar e seguir a luta nacional, conseguindo-se novo parecer do Conselho Nacional de Educação, em 10 de julho de 2006, que torna obrigatória a inclusão das disciplinas de Filosofia e de Sociologia na grade curricular do ensino médio brasileiro em todas as escolas públicas e privadas. E, finalmente, é sancionada a Lei 11.684 de 2 de junho de 2008 (BRASIL, 2008), em que as



disciplinas de Sociologia, e de Filosofia tiveram seu lugar garantido como disciplina obrigatória no ensino médio.

#### **2.4) Ocupação da universidade contra o projeto de lei do teto de gastos públicos**

Uma luta nacional com forte expressão na UFRPE, e que contou com a participação de estudantes de Ciências Sociais, está ligada com as ocupações das Universidades (já havia um acúmulo de ocupações de Escolas Secundárias em quase todo o país, contra medidas e “ajustes” dos governos estaduais), com o avanço da tramitação da PEC 241, ou a Lei do Teto de Gastos Públicos que, entre outros ajustes, previa o congelamento dos chamados “gastos públicos” por 20 anos, entre estes os recursos da educação, desencadeou-se resistências no país inteiro, cuja tática principal de luta era as ocupações das Escolas e Universidades.

(...) o movimento estudantil do DACS me proporcionou participar da ocupação da universidade, que foi em prol de uma pauta nacional que estava acontecendo no Brasil inteiro, a gente participou porque na Rural teve um pessoal que achou importante mobilizar, e, por isso, a gente parou a universidade. Eu aprendi, levei pra vida o quanto é forte a mobilização coletiva, de você compreender que quando as pessoas se juntam, a força dessa junção pode transformar a realidade. (Informante nº 01).

Mais de 220 universidades foram ocupadas no Brasil inteiro, entre agosto e novembro de 2016. Em Pernambuco, foram 17 prédios ocupados em três universidades e em duas unidades do IFPE (ESTARQUE, 2016). Na UFRPE, quatro prédios tomados pelos alunos, de forma a comprometer a realização do ENEM, mesmo que a Reitoria tenha insistido na realização desse exame tendo que realocar para outros prédios que ainda não estavam ocupados.



A ocupação na UFRPE do campus localizado no bairro de Dois Irmãos, na Zona Norte do Recife, teve início na noite da segunda-feira (24). Até o momento, o movimento ocorre nos prédios Professor Tarcísio Eurico Travassos, Professor Manoel Amaro, Centro de Ensino de Graduação Obra-Escola (Cegoe) e na Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Os alunos chegaram ainda a colocar correntes e cadeados na unidade Professor Rildo Sartori (Ceagri I) e na João Vasconcelos Sobrinho (Ceagri II) para interromper o acesso. Entretanto, esses prédios não foram ocupados (ESTARQUE, 2006: 06).

Estas quatro lutas e campanhas, acima mencionadas, mostram que os estudantes de Ciências Sociais da UFRPE têm demonstrado espetacular capacidade em vários momentos de sua trajetória, revelando criatividade e inovação, tanto para realização das lutas locais, especificamente, dentro da universidade e dentro do Curso de Ciências Sociais, quanto em lutas gerais e nacionais de todo o Movimento Estudantil, bem como da conjuntura política mais geral que ameaça a democracia e as políticas públicas.

Tanto aqui, como na sessão anterior, percebe-se que, nos trinta anos de Movimentos Estudantil analisado, constata-se ênfases ou atitudes distintas quanto à relação entre o ME com outros movimentos, com a sociedade, e com as disputas políticas mais gerais. Não se pode afirmar que haja profundas divergências a esse respeito, entre as diversas gerações atuantes no movimento nestes 30 anos, mas que haja ênfases diferenciadas. Ênfases que se relacionam com duas questões caras à trajetória e à atualidade do ME: a autonomia e independência da entidade estudantil frente aos partidos políticos, mas também frente aos órgãos dirigentes da Universidade e do Curso; e a prioridade das lutas, se dentro da universidade, ou na defesa geral da educação, que necessariamente indicaria a relação com as lutas políticas mais gerais. Embora muitos militantes carreguem nas tintas exaltando a importância da independência e autonomia, contra a subordinação às forças políticas externas, outros consideram que esse é um falso dilema, uma vez que, ninguém





defende tal subordinação, mantendo-se o debate entre o discurso e a prática; o mesmo ocorre quando à ação dentro da universidade ou na sociedade em geral.

Essa trajetória revela, de distintas formas, o lugar do Diretório Acadêmico como uma referência de diversas relações, em alguns contextos mais dedicado às ações, principalmente, internas na universidade, em outros, com uma intensa pauta e ações extramuros. Destaque-se que, nas questões extramuros, ora se relaciona com aliados de um campo político progressista ou libertário, ora se relaciona com um amplo leque de forças políticas (todos os deputados em função da aprovação da obrigatoriedade dos ensinamentos de Sociologia, e de Filosofia no ensino médio). Estas experiências nos confirmam o lugar do Diretório Acadêmico, numa esquina de quatro cantos, entre a sala de aula, a universidade, a sociedade e as disputas políticas sobre os rumos do Curso, da Universidade e da nação.

### **3. Estudantes e jovens como sujeitos sócio-políticos, juventude como categoria sociológica: afirmações e contradições**

Até aqui tratamos de diversas afirmações, demonstrando uma imensa capacidade mobilizadora dos estudantes das Ciências Sociais da UFRPE, suas estratégias de ação para manter uma tradição organizativa e ativista nessa trajetória, as iniciativas demonstram criatividade, inovações, modificando a trajetória e construindo novas formas de ação, que são responsáveis por importantes conquistas para melhorar a situação dos estudantes bem como a situação do curso, e influenciar a conjuntura mais geral. Contudo, em nossa pesquisa de campo foi possível reconhecer também, diversas contradições, dificuldades, problemas. Mesmo que na memória dos estudantes entrevistados, prevaleceu o entusiasmo pela expressão do seu protagonismo, de suas realizações, de suas conquistas, constata-se também o



reconhecimento das dificuldades, dos desânimos, das limitações, conforme podemos observar em algumas destas falas:

A impressão que dá é que a gente está sempre começando, não sabe como funciona certas coisas, parte da burocracia da universidade. (Informante nº 02).

Apatia do pessoal em querer acreditar nisso porque tinha muita gente que sentia necessidade do DACS, mas tinha gente que não apoiava (...) Aquelas lâmpadas de fora foi a gente que conseguiu botar, aquele caminho era escuro e tinha um esgoto, ninguém passava por ali, depois que abriu aquele prédio e botou as luzes todos os professores começaram a passar por ali, ninguém diz, que foi o DACS que conseguiu isso, a falta de reconhecimento é (...), mas a gente continua porque a gente acredita. (Informante nº 01).

Grande decepção é o pouco engajamento da massa estudantil, mesmo nas Ciências Sociais isso acontece. (...). Em turmas de 20 ou 30 pessoas, tinham sempre 5 ou 6 que participavam ou colaboravam com a gestão". (...) Muita preocupação, muito esforço, muito trabalho, mas tem pouco resultado em termos de engajamentos permanentes dos estudantes. (Informante nº 04).

Outra questão sempre presente é a questão financeira, a falta de dinheiro. O fato de não ter um CNPJ, que talvez pudesse captar recursos externos (...). (Informante nº 04).

Para uma análise mais serena da participação estudantil, faz-se necessário considerar esse conjunto de afirmações, mas também suas contradições. Para a análise desse movimento, que inclui a euforia e a estagnação, dinamismo e descontinuidades, podemos nos beneficiar da produção já elaborada em torno de uma tradição teórica articulada em torno da "Sociologia da Juventude".

As elaborações de Karl Mannheim podem ser consideradas como uma referência fundadora desse arcabouço teórico e metodológico. Abrindo caminhos para diversos estudos, como Wivian Weller (2007), essa autora chama a atenção para os riscos de uma leitura estática da obra de Mannheim, considera que sua acurada elaboração sobre a posição, a conexão e a unidade geracional rompem, por um lado,



com a ideia de uma unidade de geração concreta e coesa. A autora faz ressalvas sobre a militância estudantil apontando outras possibilidades da juventude: “O momento parece mais propício às manifestações juvenis voltadas para aspectos culturais e identitários ou para questões ambientais”. (WELLER, 2007, p.12). Em geral busca-se considerar os caminhos explicativos para o “poder da juventude”, articulando uma série de elementos em torno do conceito fundador das gerações. Segundo Brito (2018),

Mannheim (1968) agrega as derivações de “posição geracional”, “conexão geracional” e de “unidade geracional”. Neste sentido, a posição geracional não pode ser configurada como um amontoado de experiências comuns vivenciadas por grupos de pessoas, mas, apenas, como possibilidades de experimentarem atitudes semelhantes. O conceito de conexão geracional destaca a atenção para a criação de vínculos mais permanentes entre indivíduos com idades biológicas comuns, articulando esta semelhança temporal com o contexto histórico social. Já a “unidade geracional” é encarada com a criação consciente de pertencimentos despertados na conexão geracional, tais atitudes sofrem influências do contexto social, mesmo não tratando de posições de grupos, mas de tendências possíveis. (BRITO, 2018, p.177).

A análise da experiência que estamos estudando, nos faz crer que, não basta nos ancorarmos num conceito potente como o de geração. Ao considerarmos que outras expressões do protagonismo juvenil, como o cultural ou o ambiental, assumem grande apelo para os jovens do mundo contemporâneo, isso não diminui as possibilidades da dimensão estudantil, das suas lutas cotidianas em sala de aula, e das diversas relações com a sociedade e a política envolventes. Evidenciando que, a posição, a conexão e a unidade geracional são realmente posições dinâmicas que se movem.

Para uma análise mais segura do objeto que estamos tratando, que se move em várias direções, conforme explicitamos acima, consideramos importante agregar ao arcabouço teórico e metodológico das gerações parte da referência dos estudos dos movimentos sociais. Alberto Melucci (2001) relaciona a ação juvenil e estudantil no interior dos movimentos sociais, lembra ele que tais movimentos são cheios de paixão,



constituem ‘formas quentes’ de ação e que não podem ser explicados simplesmente pela sua redução a ação social organizada, desprezando-se o restante como irracional. “Eles não são irracionais, mas, são uma forma apaixonada de ação que é bastante significativa para a mudança social. Afinal, se não houvesse paixão, por que alguém se importaria em transformar?” (MELUCCI, 2001, p. 160).

Especificamente sobre estudantes e juventude Melucci (1997) lembra que,

(...) ser jovem parece significar plenitude como o oposto de vazio, possibilidades amplas, saturação de presença. (...) Esse excesso de possibilidades, que nossa cultura engendra, amplia o limite do imaginário e incorpora ao horizonte simbólico regiões inteiras de experiência que foram previamente determinadas por fatores biológicos, físicos ou materiais. Nesse sentido, a experiência é cada vez menos uma realidade transmitida e cada vez mais uma realidade construída. (MELUCCI, 1997, p. 09).

O entusiasmo apaixonado marca os diversos momentos dos 30 anos de participação estudantil nas Ciências Sociais da UFRPE, e indica gerações que se sucederam, evidenciando alguns elementos comuns em toda a trajetória, em todas as gerações, encarando uma “unidade geracional” como uma criação consciente de pertencimentos despertados na conexão geracional, tais atitudes sofrem influências conjunturais, cujas ações não garantem posições dos grupos, mas de tendências possíveis.

Ainda sobre “o poder da juventude”, a pesquisadora brasileira Helena Abramo (1997), registra que:

É curioso notar que, apesar da juventude estudantil ter tido, durante todo o período dito ‘de modernização’ do país (dos anos 30 aos 70), destacada presença em prol dos processos de democratização e combate às estruturas conservadoras, houve sempre certa ressalva com relação à eficácia de suas ações: para os setores conservadores, a suspeita de baderna e de radicalismo transgressor; para alguns setores da esquerda, a suspeita de alienação ou de radicalidade pequeno-burguesa inconsequente. (ABRAMO, 1997, p. 27)



Ao agregar a dimensão movimentalista e suas “formas quentes de ação”, cheias de paixão e entusiasmo, combinando espontaneidade de ação com definição de estratégias para intervenção intencional, elementos racionais do planejamento da ação, com as diversas subjetividades não previamente relacionadas, a racionalidade da reivindicação, com a emotividade dos processos e relações construídas, em torno de justificativas de valorização da ação e da vida. A expressão de uma das representantes do D. A. ainda na década de 1990, indica essa assertiva: “(...) Momento de muita efervescência, de muita representatividade do movimentos estudantil, vindo da luta pelo reconhecimento do curso. Tinha forte presença na universidade” (Informante nº5). Ou seja, se verifica entre os jovens que vivenciaram a experiência participação estudantil, possibilidades amplas de ação, buscas sempre maiores de conquistas, bastante distintas dos discursos de uma geração vazia de sentidos, individualista, consumista, mesmo que esses valores não estejam ausentes, o que se percebe como mais forte é o significado de plenitude, de solidariedade, de compromisso, de buscas inquietas e permanentes por transformações.

#### **4. Algumas conclusões**

Embora a pesquisa que dá origem a esse artigo ainda não esteja completamente concluída, já podemos identificar alguns resultados e indicar algumas conclusões. Frente à questão inicial apresentada - Qual a incidência da participação estudantil para a melhoria da vida dos estudantes no Curso e na Universidade, através de suas dinâmicas, reivindicações e enfrentamentos nestes 30 anos das Ciências Sociais na UFRPE? – as entrevistas realizadas e os documentos consultados indicam uma lista enorme de conquistas como resultado da ação dos estudantes, quase sempre como



protagonistas das ações, e, algumas vezes, em colaboração com outros agentes. Questões básicas como melhorar as condições na sala de aula, como para “consertar um ventilador”, colocar “lâmpadas para iluminar os percursos”, necessitavam de várias reuniões, audiências, abaixo-assinados, às vezes exigindo atitudes aparentemente mais radicais, como a “Marcha das Velas Acesas”, para evitar as frequentes quedas de energia que deixavam prédios inteiros na escuridão, sem condições para realização das aulas. E ainda: “R.U., moradia estudantil, tinha muito aluno da gente que vinha do interior (...) veja, aumentou o número de bolsas de PIBIC, não como a gente desejava, mas, quando a gente saiu, já tinha mais alunos e alunas com bolsa de iniciação científica”. (Informante nº 06).

Além dessas “questões básicas” para tornar as salas de aula mais agradáveis, o espaço universitário com mais condições de funcionamento, os estudantes com mais condições de estudos, pesquisas e intervenção, com a obtenção de bolsas, aumento de vagas na residência estudantil, acesso ao restaurante universitário. Outras conquistas mais gerais são importantes resultados da ação dos estudantes organizados em movimento, dois exemplos emblemáticos são: o reconhecimento do Curso de Ciências Sociais com concentração em Sociologia Rural; e a obrigatoriedade dos ensinamentos de Sociologia, e de Filosofia no ensino médio no Estado de Pernambuco. Duas lutas assumidas em parcerias com professores, coordenação do Curso e outros agentes, mas que teve na participação estudantil um forte elemento dinamizador e mobilizador, que muito fortemente influenciou os resultados daqueles processos de lutas. Essa última conquista, além de aumentar as perspectivas de trabalho para os profissionais das Ciências Sociais, modifica a matriz curricular do ensino médio no Estado de Pernambuco, demonstrando capacidade de incidir sobre os rumos da Educação no Estado. Outras duas conquistas que serão aprofundadas em artigos posteriores, mas é



importante registrar aqui, se referem à consolidação da entidade representativa dos estudantes do curso e de outros grupos mais informais em seu interior, e a melhoria na capacidade de iniciativa e intervenção dos participantes do Movimento Estudantil, inclusive tornando-os mais seguros e capazes para futura intervenção profissional. Confirmando assim os pressupostos apresentados no projeto de pesquisa.

Consideramos que a metodologia de pesquisa assumida, com as técnicas de coleta de dados e informações – análise documental e entrevistas – foi acertada para o desenvolvimento da pesquisa, pois possibilitou chegar a estes resultados com forte convicção e diversos indicadores de sua assertiva acadêmica. E consideramos também que, o referencial teórico assumido contribuiu para uma análise sociológica responsável para explicação desse importante fenômeno social, das relações e vínculos construídos, nos permitindo afirmar com convicção que estamos diante de experiências sócio-políticas marcadas por grande dinamicidade social, conduzida pela vivência coletiva, pela participação em processos reivindicativos e lutas estudantis, e pela garantia de resultados e conquistas para a vida estudantil e acadêmica. Deste modo, as categorias de “gerações”, e de “movimentos sociais” se inter-relacionam e se complementam para a interpretação do referido fenômeno social.

Mas a análise também nos permitiu identificar algumas contradições ou problemas na experiência, como: diversos momentos de hiatos e descontinuidades dos processos organizativos e de lutas; a distância entre a capacidade mobilizadora das ações e o envolvimento de mais estudantes nos processos organizativos permanentes; o pouco cuidado com a memória e os registros das experiências; conflitos nem sempre construtivos entre lideranças e forças políticas presentes na experiência. Mas, tais problemas não diminuem o efeito dinamizador e construtivo dos 30 anos de Movimento Estudantil das Ciências Sociais na UFRPE.



Assim, consideramos que os objetivos previstos para o presente artigo foram plenamente atingidos, uma vez que conseguimos reconstruir a trajetória da participação estudantil, através de suas organizações, suas principais bandeiras de lutas, reivindicações, contribuições para dinâmica estudantil no curso; discutir esse processo organizativo mobilizador estudantil na perspectiva da sociologia da juventude e da teoria dos novos movimentos sociais. O que nos possibilitou uma análise sociológica consistente em torno da experiência estudada, e útil para novos estudos que se queira realizar sobre os Movimentos Estudantis.

Recebido em 14 de julho de 2020.

Aprovado em 06 de Novembro de 2020





## Referências:

ABRAMO, Helena Wendel. - **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação - Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N ° 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 N ° 6, Rio de Janeiro, 1997 p. 25 a 36.

BRASIL. **Lei nº 9.394 20, de dezembro de 1996**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. **Lei nº 6.888**. Disponível em:< <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-6888-10-dezembro-1980-365941-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 12/06/2020.

BRASIL. **Lei nº 12.852**, de 5 de agosto de 2013, que dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE Disponível em <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei>. Visitado em 11/06/2020.

BRASIL. **Lei nº 11.684**, DE 2 DE JUNHO DE 2008. Disponível em:< <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei>. Visitado em 12/06/2020.

BRITO, Paulo A. B. **100 anos de participação estudantil: Um balanço sociológico**. In: BRITO, Paulo A. B. e CRIBARI CARDOSO, Maria G. (org's) UFRPE: 100 anos de Participação Estudantil. Recife, Editora da UFRPE: 2018 - no prelo. p. 161 – 179.

ESTARQUE, Thays. **G1 Pernambuco** 01/11/2016 12h33 - Atualizado em 01/11/2016 12h36. Visitado em 12/06/2020.

MANNHEIM, Karl. **O Problema da Juventude na Sociedade Moderna**, in Sociologia da Juventude, I: da Europa de Marx à América Latina de hoje. Coleção Textos Básicos de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**. Petrópolis: Vozes, 2001.

RÊSES, Erlando da Silva. **...e com a palavra: os alunos: estudo das representações sociais dos alunos da rede pública do Distrito Federal sobre a sociologia no ensino médio**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília: 2004.

VELLER, Wivian. **Karl Mannheim: Um Pioneiro Da Sociologia Da Juventude**. XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. Apresentação ao GT 26 – Sociologia da Infância e Juventude. Recife, UFPE: 2007.